

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0153/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 09/06/2025

Líderes do Golfo parabenizam a liderança saudita por organizar o Hajj bem-sucedido



O Rei Salman da Arábia Saudita e o Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman.

Líderes das nações do Conselho de Cooperação do Golfo parabenizaram a liderança saudita por administrar e organizar com sucesso a peregrinação do Hajj, que quase 1,4 milhão de muçulmanos realizaram desde a passada quarta-feira, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Rei Salman e o Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman receberam ontem mensagens de felicitações do presidente dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Mohammed bin Zayed Al-Nahyan, do Rei Hamad bin Isa Al-Khalifa do Bahrein, do Sultão Haitham bin Tariq de Omã, do Emir Tamim bin Hamad Al-Thani do Qatar e do Emir Meshal Al-Ahmad Al-Jaber Al-Sabah do Kuwait. O Reino da Arábia Saudita empregou inteligência artificial e tecnologias avançadas para gerenciar a peregrinação muçulmana deste ano, um dos maiores encontros anuais do mundo. As autoridades do Reino forneceram a mais de 1 milhão de peregrinos

muçulmanos serviços essenciais durante o Hajj, incluindo água, comida, acomodação, transporte e saúde em vários locais sagrados em Meca e Medina. **Fonte-Arab News**.

Ministro saudita de Assuntos Islâmicos recebe funcionário albanês em Mina



Al-Alsheikh deu as boas-vindas a Halasi e elogiou as profundas relações entre o Reino e a Albânia.

O ministro saudita de Assuntos Islâmicos, Dawah e Orientação, Dr. Abdullatif Al-Alsheikh, recebeu recentemente o conselheiro do ministro albanês das Relações Exteriores para os países árabes, Ali Halasi, em Mina. O funcionário albanês foi recebido como parte do Programa de Convidados do Guardião das Duas Mesquitas Sagradas para o Hajj, Umrah e Visita. Al-Alsheikh deu as boas-vindas a Halasi e elogiou as profundas relações entre o Reino e a Albânia.

Halasi expressou apreço pelos esforços do Reino para servir ao Islão e aos muçulmanos de todo o mundo. Ele elogiou a organização e os arranjos detalhados para o Hajj e a facilidade de movimento entre os locais sagrados. **Fonte-Arab News**.

Sector não petrolífero impulsiona o crescimento do PIB do Reino da Arábia Saudita para 3,4% no 1º trimestre

A economia do Reino da Arábia Saudita cresceu 3,4% ano a ano no primeiro trimestre de 2025, impulsionada pelo crescimento robusto das actividades não petrolíferas, de acordo com dados oficiais.

As estimativas divulgadas pela Autoridade Geral de Estatísticas mostraram que o produto interno bruto real ajustado sazonalmente também teve um aumento trimestral de 1,1%, sinalizando um impulso econômico sustentado.

O sector não petrolífero emergiu como o principal motor de crescimento, aumentando 4,9% em comparação com o primeiro trimestre de 2024. Em contraste, as actividades petrolíferas contraíram 0,5% ano a ano, reflectindo a volatilidade contínua no sector de energia. O crescimento do PIB do Reino da Arábia Saudita está alinhado com a tendência mais ampla do Médio Oriente, onde os países estão avançando constantemente na diversificação econômica. **Fonte-Arab News**.

Ruanda deixa bloco centro-africano em disputa com o Congo

Ruanda disse que se retiraria da Comunidade Econômica dos Estados da África Central (CEEAC), ressaltando as tensões diplomáticas na região devido a uma ofensiva neste ano dos rebeldes do M23 apoiados por Ruanda no leste do Congo. Kigali esperava assumir a presidência do bloco de 11 membros em uma reunião no passado sábado na Guiné Equatorial. Em vez disso, o bloco manteve a Guiné Equatorial no cargo, o que o Ministério das Relações Exteriores de Ruanda denunciou como uma violação de seus direitos.

Ruanda, em um comunicado, condenou a "instrumentalização" do bloco pelo Congo e não viu "nenhuma justificativa para permanecer em uma organização cujo funcionamento actual é contrário aos seus princípios fundadores". Não ficou claro se a saída de Ruanda do bloco terá efeito imediato.

O gabinete do presidente congolês, Felix Tshisekedi, disse em um comunicado que os membros da CEEAC "reconheceram a agressão contra a República Democrática do Congo por Ruanda e ordenaram que o país agressor retirasse suas tropas do solo congolês". O M23 tomou as duas maiores cidades do leste do Congo no início deste ano, com o avanço deixando milhares de mortos e levantando preocupações de uma guerra regional total. Os líderes africanos, juntamente com Washington e Doha, têm tentado mediar um acordo de paz. O Congo, a ONU e as potências ocidentais acusam Ruanda de apoiar o M23 enviando tropas e armas.

Ruanda há muito nega ter ajudado o M23, dizendo que suas forças estavam agindo em legítima defesa contra o exército do Congo e milicianos de etnia hutu ligados ao genocídio de Ruanda em 1994, que matou cerca de 1 milhão de pessoas, a maioria tutsis. O governo do presidente dos EUA, Donald Trump, espera fechar um acordo de paz entre o Congo e Ruanda que também facilitaria bilhões em investimentos ocidentais na região, que é rica em minerais, incluindo tântalo, ouro, cobalto, cobre e lítio. A CEEAC foi criada na década de 1980 para promover a cooperação em áreas como segurança e assuntos econômicos entre seus estados membros. **Fonte-Arab News**.

Ministros egípcio e turco discutem cessar-fogo em Gaza e valas comuns na Líbia



O ministro das Relações Exteriores do Egipto, Badr Abdelatty, e seu homólogo turco, Hakan Fidan.

O ministro das Relações Exteriores do Egipto, Badr Abdelatty, discutiu os desenvolvimentos em Gaza e na Líbia com seu homólogo turco, Hakan Fidan.

Os ministros, durante um telefonema ontem, destacaram a urgência de um cessar-fogo em Gaza e descreveram a situação como um "desastre humanitário" em meio a ataques israelenses e acções militares na área. Eles discutiram os esforços para alcançar um cessar-fogo, garantir a libertação de reféns israelenses e a entrega de ajuda humanitária, médica e de abrigo ao enclave.

Abdelatty e Fidan discutiram os recentes desenvolvimentos na Líbia, incluindo a descoberta de dezenas de corpos em valas comuns na capital, Trípoli. O ministro egípcio destacou o apoio do Cairo à unidade e integridade da Líbia, garantindo que os líbios possam realizar eleições presidenciais e parlamentares simultaneamente, sem interferência, o mais rápido possível. Abdelatty disse que Cairo e Ancara continuam a cooperar nos sectores econômico, de investimento e comercial, e trocam opiniões sobre questões regionais urgentes. **Fonte-Arab News**.

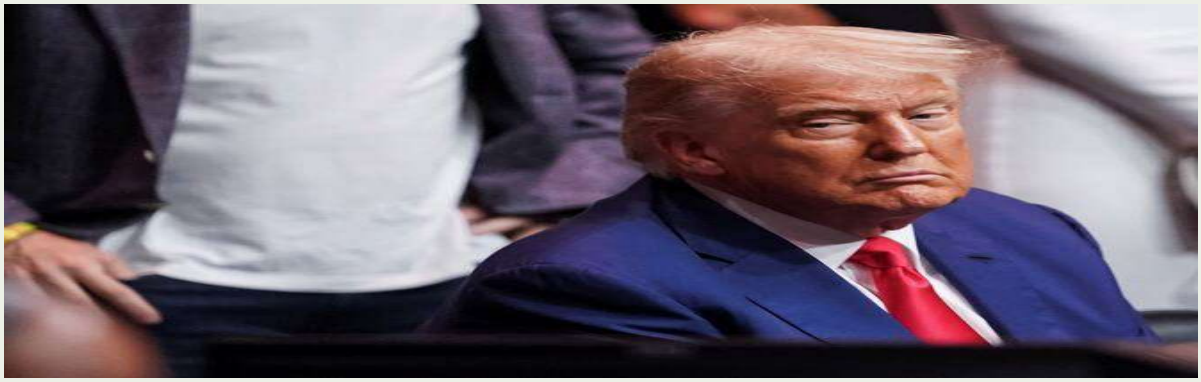
Banco central da Síria planeja unificação da moeda e retorno ao sistema global de pagamentos SWIFT

A Síria adoptará uma taxa de câmbio unificada antes de fazer a transição para um sistema de flutuação gerenciada, enquanto busca estabilizar uma moeda que perdeu quase todo o seu valor em relação ao dólar americano. Em entrevista ao Financial Times, o governador do Banco Central da Síria, Abdulkader Husrieh, confirmou as reformas, enfatizando os esforços para eliminar o papel de cambistas não autorizados no mercado de câmbio do país como parte de uma

reconstrução financeira mais ampla. A Síria também deve ser totalmente reintegrada ao sistema internacional de transferência de dinheiro SWIFT dentro de semanas, reconectando o país às finanças globais após 14 anos de guerra e sanções. O país está trabalhando para reviver sua economia após anos de conflito, com seu governo de transição, liderado pelo presidente Ahmed Al-Sharaa, implementando reformas como a privatização de empresas estatais, a flexibilização das restrições às importações e a atracção de investimentos estrangeiros.

"Nosso objectivo é melhorar a marca do país como um centro financeiro, dado o investimento estrangeiro directo esperado em reconstrução e infraestrutura - isso é crucial", disse Husrieh ao FT. Os principais desenvolvimentos na Síria incluem um acordo de energia de US $ 7 bilhões com o Qatar, a reabertura da Bolsa de Valores de Damasco e um projecto de fibra óptica de US $ 300 milhões com empresas de telecomunicações do Golfo. Essas iniciativas ocorrem no momento em que o Reino da Arábia Saudita e o Qatar prometem apoio financeiro para ajudar a estabilizar a economia da Síria em meio a uma flexibilização gradual das sanções ocidentais. **Fonte-Reuters**.

Proibição de viagens de Trump a 12 países entrou em vigor hoje



O presidente americano Donald Trump participa do Ultimate Fighting Championship em Nova Jersey, EUA.

A ordem do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que proíbe a entrada de cidadãos de 12 países nos Estados Unidos entra em vigor hoje, às 12h01 ET (0401 GMT) segunda-feira, uma medida que o presidente promulgou para proteger o país de "terroristas estrangeiros". Os países afectados pela última proibição de viagens são Afeganistão, Mianmar, Chade, República do Congo, Guiné Equatorial, Eritreia, Haiti, Irão, Líbia, Somália, Sudão e Iêmen. A entrada de pessoas de sete outros países - Burundi, Cuba, Laos, Serra Leoa, Togo, Turcomenistão e Venezuela - será parcialmente restrita.

Trump, um republicano, disse que os países sujeitos às restrições mais severas estavam determinados a abrigar uma "presença em larga escala de terroristas", não cooperar na segurança dos vistos, ter uma incapacidade de verificar as identidades dos viajantes, bem como manutenção inadequada de registros de antecedentes criminais e altas taxas de permanência além do prazo de vistos nos Estados Unidos. Ele citou o incidente de ontem em Boulder, Colorado, no qual um cidadão egípcio lançou uma gasolina em uma multidão de manifestantes pró-Israel como um exemplo de por que as novas restrições são necessárias. Mas o Egipto não faz parte da proibição de viagens. A proibição de viagens faz parte da política de Trump de restringir a imigração para os Estados Unidos e é uma reminiscência de um movimento semelhante em seu primeiro mandato, quando ele barrou viajantes de sete países de maioria muçulmana. Funcionários e residentes em países cujos cidadãos em breve serão banidos expressaram consternação e descrença.

O presidente do Chade, Mahamat Idriss Deby Itno, disse que instruiu seu governo a parar de conceder vistos a cidadãos americanos em resposta à acção de Trump. "O Chade não tem aviões para oferecer nem bilhões de dólares para dar, mas o Chade tem sua dignidade e seu orgulho", disse ele em um post no Facebook, referindo-se a países como o Qatar. que presenteou os EUA com um avião de luxo para uso de Trump e prometeu investir bilhões de dólares. "A proibição de viagens de Trump a cidadãos de mais de 12 países é draconiana e inconstitucional", disse o deputado Ro Khanna nas redes sociais na passada quinta-feira. "As pessoas têm o direito de buscar asilo." **Fonte-Reuters.**

Delegação do Paquistão no Reino Unido após conversas 'bem-sucedidas' em Nova York sobre conflito na Índia



A delegação de alto nível do Paquistão em Nova York em uma foto na Embaixada do Paquistão nos EUA, Nova York, em 7 de junho de 2025.

Uma delegação paquistanesa chegou ao Reino Unido como parte do alcance diplomático de Islamabad sobre o conflito militar do mês passado com a Índia, após suas negociações "bem-sucedidas" em Nova York. A Índia e o Paquistão se

envolveram nos piores combates entre eles em décadas, aumentando os temores da perspectiva de uma guerra nuclear total. Depois que os dois países trocaram fogo pesado por quatro dias, atacando um ao outro com mísseis, caças e ataques de drones, o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou um cessar-fogo entre eles no passado dia 10 de maio. A delegação paquistanesa de nove membros, liderada pelo ex-ministro das Relações Exteriores Bilawal Bhutto-Zardari, realizou várias reuniões com representantes da Organização das Nações Unidas (ONU), seus estados membros e autoridades dos EUA para apresentar a posição do Paquistão sobre o impasse com a Índia e a paz na região. Os delegados paquistaneses disseram que o objectivo de suas reuniões era ter paz na região e conversar com Nova Delhi sobre todas as questões Índia-Paquistão, incluindo a restauração do Tratado das Águas do Indo e a resolução da disputa da Caxemira. "Explicamos a eles [autoridades dos EUA] que a água do Paquistão, esta é uma civilização, a vida de 240 milhões de pessoas, sua cultura [depende disso]", disse Khurram Dastgir, um legislador paquistanês que faz parte da delegação, a um canal de notícias paquistanês no Reino Unido. "Explicamos isso aos Estados Unidos que sua parceria econômica com a Índia não trará esse desenvolvimento se a Índia e o Paquistão permanecerem perpetuamente [em estado de] guerra." **Fonte-Arab News**.

Os americanos merecem a verdade sobre o declínio de Biden



DALIA AL-AQIDI

08 de Junho de 2025



O ex - presidente dos EUA, Joe Biden, fala durante um jantar em Washington, DC, em 20 de outubro de 2024.

A América está acordando para uma verdade que muitos suspeitavam, mas poucos ousaram dizer em voz alta. O ex-presidente Joe Biden, o líder do mundo livre, não esteve totalmente no comando durante alguns dos anos mais críticos de

sua presidência. O livro recém-lançado "Original Sin", de Jake Tapper, da CNN, e do repórter da Axios, Alex Thompson, expõe em detalhes dolorosos um escândalo que pode muito bem ser o maior de nossa era: um encobrimento do declínio do presidente, executado por aqueles mais próximos a ele e possibilitado por uma classe política obediente e uma imprensa cúmplice.

Não se tratava apenas de um homem idoso que desacelerou. De acordo com o livro, com base em quase 200 entrevistas com altos funcionários da Casa Branca, estrategistas democratas e outros insiders, o presidente Biden frequentemente esquecia nomes, mesmo os de seu próprio conselheiro de segurança nacional, Jake Sullivan, e aliados próximos como George Clooney. A equipe discutiu em particular se ele precisava de uma cadeira de rodas. Sua agenda era cuidadosamente limitada, seu acesso à imprensa rigidamente administrado e as principais decisões eram cada vez mais tomadas não por ele, mas por aqueles ao seu redor.

Vamos fazer uma pausa e pensar sobre isso. Quem estava tomando essas decisões? Se o presidente não era capaz, quem realmente governava o país? Foi o chefe de gabinete Ron Klain ou seu sucessor, Jeff Zients? Primeira-dama Jill Biden? Membros do gabinete? Ou um círculo sombrio de conselheiros agindo em seu nome? Mais importante, quem sabia e escolheu não dizer nada?

A resposta é quase todos no poder. Membros do Congresso, principais doadores, agentes democratas e membros da imprensa sabiam que algo estava errado. No entanto, eles continuaram a garantir ao público que Biden era "afiado", "focado" e "apto para servir". Eles descartaram qualquer preocupação com sua idade como "difamações de direita" ou "desinformação". As elites de Hollywood, apresentadores de programas de televisão noturnos e influenciadores de imprensa se juntaram, zombando de qualquer um que ousasse fazer perguntas reais.

Eles não estavam apenas errados. Eles estavam mentindo.

Este não foi um lapso momentâneo de julgamento, mas um esforço coordenado para enganar o povo americano. Foi uma aposta política calculada: manter Biden na chapa, proteger a marca e fazer o que for preciso para se manter no poder. A verdade foi sacrificada pela estratégia. A integridade foi enterrada por vencer.

Mesmo quando os sinais de declínio eram impossíveis de ignorar, suas performances cambaleantes em debates, longas pausas no meio do discurso, linhas de pensamento perdidas e confusão sobre líderes globais levaram os líderes democratas a cerrar fileiras. Quando Tapper, que agora admite que a imprensa falhou, diz que esse escândalo "pode ser pior do que Watergate", devemos ouvir.

Porque, ao contrário de Watergate, que envolveu o abuso de poder em uma campanha de reeleição, esse engano moldou significativamente a segurança nacional, a economia e a posição global dos Estados Unidos. Durante anos, os EUA foram liderados por alguém que cada vez mais não estava totalmente presente, enquanto aqueles ao seu redor administravam silenciosamente a ilusão.

Precisamos determinar quais decisões foram tomadas durante esse período e por quem. Qual foi a verdadeira cadeia de comando durante a retirada do Afeganistão, quando o caos eclodiu e os aliados americanos foram deixados para trás? Quem moldou a resposta de Washington às crescentes tensões com Pequim, à guerra na Ucrânia e à crescente agitação na fronteira sul?

Se Biden não conseguiu se envolver de forma significativa, essas decisões foram tomadas por funcionários ou conselheiros não eleitos, pessoas nas quais o povo americano nunca votou.

Este escândalo vai além de Biden. Isso reflecte até onde o Partido Democrata de hoje está disposto a ir para proteger seu controle do poder. Em vez de enfrentar a verdade e encontrar um líder viável, eles dobraram a aposta, atacaram os críticos e disseram aos americanos para olharem para o outro lado.

Mesmo após o desempenho desastroso de Biden no debate em junho passado e sua retirada da corrida eleitoral de 2024 no mês seguinte, o estrago estava feito. A ex-vice-presidente Kamala Harris interveio, mas os eleitores perderam a confiança. O engano custou aos democratas a Casa Branca e, mais importante, abalou a confiança do público.

Essa traição também envia uma mensagem perigosa: que a imagem importa mais do que a honestidade, que a lealdade ao partido supera o dever para com o país e que a vitória política vale mais do que a responsabilidade democrática.

A honestidade deve ser um princípio inegociável, não importa quem esteja no poder. Este escândalo não é sobre defender um republicano ou atacar um democrata. É sobre a responsabilidade que vem com a liderança do mundo livre. Trata-se de preservar a dignidade, a transparência e a confiança das pessoas.

Se os papéis fossem invertidos, se um presidente republicano mostrasse sinais de declínio cognitivo severo, os democratas estariam em todas as redes exigindo transparência, invocando a 25ª Emenda e pedindo impeachment. Mas quando era um deles, eles escolheram o silêncio.

Não se trata apenas de democratas contra republicanos. É sobre verdade versus poder. E o povo americano merece mais do que esse tipo de política.

Aqueles que ficaram em silêncio, incluindo autoridades eleitas, membros do gabinete, figuras da imprensa e celebridades, devem à nação mais do que apenas um pedido de desculpas retrospectivo. Eles devem ao país a verdade, toda a verdade. E eles devem ao povo sua renúncia se desempenharam um papel na ocultação desse escândalo.

Este momento deve ser um ponto de virada não apenas para um partido, mas para todo o país. Os líderes devem ser responsabilizados não apenas pelo que fazem, mas pelo que escondem.

Não se trata apenas de uma presidência, trata-se de uma cultura que permitiu que o engano se disfarçasse de liderança. É sobre os sinais de alerta que foram ignorados, as vozes que foram silenciadas e as consequências que ecoarão por anos.

A Presidência não é um desempenho, é uma responsabilidade. E aqueles que o transformaram em uma história de capa devem ser responsabilizados.

A verdade nunca deve ter um lado; deve ficar sozinho. Essa é a base da democracia americana.

Dalia Al-Aqidi, é directora executiva do Centro Americano de Combate ao Extremismo.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pela escritora nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**